



Revista Brasileira de História de  
Educação

E-ISSN: 2238-0094

rbhe.sbhe@gmail.com

Sociedade Brasileira de História da  
Educação  
Brasil

Venancio Mignot, Ana Chrystina  
O carteiro e o educador práticas políticas na escrita epistolar  
Revista Brasileira de História de Educação, vol. 5, núm. 2, julio-diciembre, 2005, pp. 45-  
69  
Sociedade Brasileira de História da Educação  
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161079003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# O carteiro e o educador

## práticas políticas na escrita epistolar\*

*Ana Chrystina Venancio Mignot\*\**

### Resumo:

No arquivo pessoal de Anísio Teixeira, sob a guarda do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, que contém vasto conjunto documental, uma mensagem chama a atenção: nela, o remetente solicita emprego para um cunhado. Não era um dos políticos, intelectuais, familiares, amigos e professores que escreveram a Anísio Teixeira para pedir, agradecer, cumprimentar, sugerir, cobrar, reivindicar, quando ele esteve à frente da Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal, entre 1931 e 1935. O remetente é o carteiro que entregava diariamente cartas de outros tantos remetentes que escreviam em defesa dos próprios interesses mas, na maior parte das vezes, o faziam para interceder por familiares e amigos. Entendendo que estas cartas fornecem pistas de uma dada cultura política que atravessa a vida pública brasileira e, em especial, o sistema educacional, durante as primeiras décadas do século XX, pretende-se examinar tanto nos suportes da escrita, no conteúdo das mensagens, bem como nas anotações feitas nas margens, como Anísio Teixeira procurou instituir novas práticas políticas na educação brasileira.

ANÍSIO TEIXEIRA, CULTURA POLÍTICA.

---

\* Texto apresentado na mesa-redonda “Leitura, escrita e práticas educacionais”, por ocasião do 1º Colóquio Internacional de História do Livro e da Leitura do Ceará, promovido pela Universidade Estadual do Ceará e pela Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, em maio de 2004.

\*\* Doutora em Ciências Humanas – Educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uerj e pesquisadora do CNPq.

# The mailman and the educator

## political practices in epistolary writing\*

*Ana Chrystina Venancio Mignot\*\**

### Abstract:

Among the vast amount of documents assembled in the personal archive of Anísio Teixeira (under guard of the Center of Research and Documentation of Brazilian Contemporary History - CPDOC, from Getúlio Vargas Foundation), figures a letter that stares in face: in the text, the sender asks a job for a brother-in-law. He was not one of the politicians, scholars, relatives, friends or teachers that have written to Anísio Teixeira for asking, thanking, complimenting, suggesting, charging or claiming, while he was in charge of the Directory of Public Instruction from Brazilian Federal District, between 1931 and 1935. The sender was the mailman that daily had been delivering the letters signed by so many other senders, usually writing on behalf of their own interests or, as in most of the times, for interceding on behalf of relatives or friends. Such letters contain a set of tracks concerned to certain political culture remarkably present in Brazilian public life, in special, its educational system, during the first decades of XX Century. This paper analyzes the way Anísio Teixeira tried to institute new political practices in Brazilian education, focusing those letters writing supports and personal notes found in the margins. *ANÍSIO TEIXEIRA, POLITICAL CULTURE, LETTERS.*

---

\* Texto apresentado na mesa-redonda “Leitura, escrita e práticas educacionais”, por ocasião do 1º Colóquio Internacional de História do Livro e da Leitura do Ceará, promovido pela Universidade Estadual do Ceará e pela Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, em maio de 2004.

\*\* Doutora em Ciências Humanas-Educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uerj e pesquisadora do CNPq.

*Quando o carteiro chegou  
 E o meu nome gritou  
 Com uma carta na mão  
 Ante surpresa tão rude  
 Eu nem sei como pude  
 Chegar ao portão.  
 (Aldo Cabral e Cícero Nunes)*

Portador de papéis escritos para encurtar distâncias, amenizar ausências e comunicar saudades, entre 1931 e 1935, João Mourão Carvalhinho fez chegar a Anísio Teixeira um considerável volume de cartas. Por força do ofício, possivelmente era não só um profundo conhecedor da cidade, sabendo encontrar ruas, casas, vilas e becos com facilidade, mas um especialista capaz de reconhecer expectativas, alegrias e dores daqueles que o esperavam com ansiedade<sup>1</sup>. Como tantos outros carteiros retratados por Jacob Penteadado, em *Memórias de um postalista*, devia acordar de madrugada, bater o ponto cedo e correr em busca do sustento “debaixo de chuva ou de sol ardente, sob pesados fardos, que nem burros de carga, sem horário de terminar, sujeitos a excesso de serviço, distritos enormes, dobrando, ou seja, fazendo também o serviço de colegas que faltavam, sem tempo para as refeições, vindos dos pontos mais distantes da cidade” (1963, p. 28).

Graças a ele, sobre a mesa do gabinete do diretor da Instrução Pública do Distrito Federal descansaram cerca de mil mensagens, incluindo-se a correspondência oficial, telegramas, cartões de felicitações e postais, que os missivistas escreviam para pedir, agradecer, cumprimentar, sugerir, cobrar, e, que não só nos temas tratados, mas em sua materialidade, fornecem pistas que ajudam a compreender tanto quem escreveu, quem as recebeu, bem como o contexto no qual foram produzidas.

---

1. Observação feita por Zuenir Ventura no prefácio do livro *Novos causos dos Correios*, destacando que “os carteiros não são portadores das grandes notícias, não anunciam os acontecimentos extraordinários, nem as transformações históricas, mas são imprescindíveis [...] porque fazem a ligação sentimental entre as distâncias, são uma espécie de porta-voz afetivo do País” (2000, p. 9).

A nomeação constituiu-se em motivo de júbilo para os conterrâneos de Anísio Teixeira, levando-os a manifestar, por escrito, o orgulho em tê-lo em tão alto cargo<sup>2</sup>. A chegada à capital da República, em outubro de 1931, no entanto, foi precedida de intranqüilidade, pois com Getúlio Vargas no poder os educadores reunidos na Associação Brasileira de Educação (ABE) estavam decepcionados com os primeiros atos de Francisco Campos, que visavam reorganizar as universidades e o ensino secundário e também autorizar o ensino religioso nas escolas. Estavam, sobretudo, descontentes com a ameaça de descontinuidade da reforma de Fernando de Azevedo (O'Neil, 1975).

Desde o início da gestão, havia um clima de disputas e conflitos políticos, soma-se a isto a insatisfação do magistério carioca que, segundo Paschoal Lemme (1988), se considerava o mais culto e capacitado de todo o país. A nomeação de um educador baiano para a Instrução Pública no Distrito Federal era inadmissível. A temporada de Anísio Teixeira nos Estados Unidos para aperfeiçoamento dos estudos também alimentava críticas e boatos sobre a americanização do ensino, tanto na organização escolar, como nos métodos de ensino.

Para quebrar as resistências, ele retomou a política de pessoal e instituiu normas que visavam identificar o magistério como ocupação portadora de conhecimento especializado, ética e importância social, a exemplo de seu antecessor, que havia procurado imprimir um novo sentido na administração pública dedicando-se com afinco, entre outras questões, ao concurso para provimento do cargo de professores catedráticos da Escola Normal como estratégia de contraposição a interesses político-partidários e uma tentativa de disciplinamento de um setor que era alvo constante de favores circunstanciais<sup>3</sup>.

- 
2. Ver a carta de Regina de Albuquerque Soares Bandeira: "Cidade de Bonfim, Bahia, 20 de outubro de 1931: Cordiaes saudações. Nesta data, tenho, a subida honra de dirigir-me a V.Ex.<sup>a</sup> cujo fim é enviar-lhe o meu sincero parabens pela acertadíssima escolha para Director Geral da Instrução Publica do Rio. Como bahiana, sinto-me bem em dirigir estas linhas a V. Ex.<sup>a</sup>, porque conheço a cultura, a intelligencia e a capacidade de V.Ex.<sup>a</sup>, [...]".
  3. Sobre a política de pessoal de Fernando de Azevedo, ver o estudo de Liéte Accacio (2002), no qual analisa os concursos para o magistério.

Anísio ia buscando tempo para ler e responder cartas, enquanto despachava processos, criava uma legislação de ensino, ampliava o número de matrículas, planejava novos prédios escolares, discutia a formação de bibliotecas escolares, elaborava diretrizes para a formação de professores, escrevia livros que viria a publicar durante e logo após sua gestão, participava ativamente da ABE, articulava o lançamento do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” de 1932, que teve elaboração, lançamento e repercussão registrados, em inúmeras cartas trocadas entre aqueles que o subscreveram, como pode ser visto na correspondência de Cecília Meireles, Hermes Lima, Venancio Filho e Paschoal Lemme também. Anísio integrou essa rede de escrita epistolar recebendo de Fernando de Azevedo a incumbência de ler, criticar, sugerir, modificar, aprovar, divulgar, debater e defender as idéias do documento considerado o divisor de águas da educação brasileira por sua intransigente defesa de uma escola pública, gratuita e laica para todos<sup>4</sup>.

Em meio a esses desafios, Anísio justificava-se com os amigos pela falta de tempo para escrever cartas, como se pode ver nesta resposta:

Imagino que V. esteja intrigado com o meu silêncio que já vai prolongando por mais tempo do que eu esperava. É que vim viver, no Rio, logo depois de minha chegada, um feriado de tão estranha intensidade dessa campanha de maldade e delapidação gratuita com que os nossos adversários nos procuram fazer aborrecer a educação, que não tinha ânimo para os abandonos de uma carta [...].

E adeus, meu caro Fernando. Mesmo quando estamos em silêncio, estamos unidos pelo mesmo drama de uma idêntica vocação pública, nesse país de ferozes interesses privados [Carta de Anísio Teixeira para Fernando de Azevedo, 11 nov. 1933].

Enquanto selecionava a correspondência que seria entregue ao então diretor da Instrução Pública, provavelmente, o carteiro admirava os

---

4. A respeito da correspondência dos signatários do “Manifesto dos Pioneiros” com Anísio Teixeira, consultar Simonini (2004).

envelopes com selos que indicavam a procedência das mais diferentes regiões do país, da própria cidade do Rio de Janeiro e até mesmo de países distantes. É possível também que decifrasse letras escritas à mão, muitas vezes ilegíveis. A leitura de manuscritos era uma habilidade testada em concurso para o cargo de carteiro e, para a referida prova, adotava-se, segundo Jacob Penteado, o livro “*Manuscritos – coletânea organizada pelo Bacharel Benedito da Lapa Trancoso, aprovado e adotado nas Escolas Públicas do Estado, por ato de 10 de junho de 1908, edição de Espíndola & Comp. – Rua Direita, 10º andar, onde havia trechos do Padre Vieira, Casimiro de Abreu, Bernardes, Castilho, Álvaro Guerra, Alberto Souza e do Autor*” (1963, p. 42). Grande parte das cartas, no entanto, tinha uma letra que indicava boa educação e respeito pelo outro, civilidade, pois como lembrava o autor do livro *Leitura manuscrita*: “A caligraphia é um bom dote do homem, não é por certo o mais precioso, entretanto, merece bem qui não seja desprezado” (B.P.R., s.d., p. 10).

No verso de muitos envelopes estavam nomes que permitiam supor que os remetentes ocupavam lugares de destaque na vida política e cultural. Monteiro Lobato, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Afrânio Peixoto, Hermes Lima, Antonio Carlos, Belizário Penna, Pedro Ernesto, Assis Chateaubriand, Homero Pires e Amaral Peixoto corresponderam-se com Anísio com maior ou menor frequência. Outras cartas eram enviadas por amigos, familiares, pessoas comuns: mensagens de pais de alunos e de profissionais que atuavam nos bastidores das salas de aula, as professoras, que protestavam contra injustiças, denunciavam perseguições, sugeriam procedimentos administrativos, comentavam a reforma, ofereciam seus préstimos, encaminhavam livros e cartilhas, convidavam para atividades escolares e solicitavam reintegração, transferência e emprego. Protegidas no anonimato, algumas, sequer, traziam o remetente e assinavam suas reivindicações como “Uma professora” e “Uma interessada”<sup>5</sup>.

---

5. Cartas escritas provavelmente pela mesma professora, que fazem sugestões sobre o caso das substitutas, sugerindo como a classe das adjuntas deveria ser dividida, e apontando os inspetores e diretoras como os profissionais capazes de avaliar a capacidade e o valor do trabalho que vinha sendo desenvolvido por elas.

Cartas de amor também vinham de São Paulo, enviadas por Emilinha Ferreira, com quem Anísio viria a se casar em 1932, e que preenchiam a solidão e faziam suportar melhor as incompreensões e mal-entendidos, como ele escreveu: “Aqui está, neste domingo suave e luminoso, a sua ultima carta, também suave e luminosa... Descansei toda a manhã e agora estou a te escrever e a ouvir música”, ou “A sua cartinha tão mimada tão affectuosa deu-me nova alma. Havia ficado um pouquinho afflicto, com todas aquelas queixas da sua ultima carta” (Cartas de Anísio Teixeira para Emilinha Ferreira, 29 nov. 1931 e 14 fev. 1932, respectivamente), em uma alusão às reclamações da noiva por causa das ausências prolongadas e da falta de notícias. Tratando do casamento que se aproximava ela demonstrava também apreensão com o trabalho dele: “Que estará se passando com Você? Nem mesmo os jornais me dizem nada a seu respeito. Soube pelo irmão de Lobo e por outro amigo q esteve aqui outro dia q Você tem soffrido uma guerrinha terrivel de certas professoras, é verdade?” (Carta de 27 fev. 1932)<sup>6</sup>.

Um as cartas eram volumosas, exigindo talvez maior esforço do carteiro para transportá-las. Traziam “presentes de papel”<sup>7</sup>, como os livros enviados por intelectuais com quem Anísio tecia, por meio da troca epistolar, uma rede de idéias e afetos. Lidos e comentados, expressam uma prática de amizade materializada na escrita marcada pelas impressões de leituras, entre aqueles que se consideravam mutuamente leitores qualificados. *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da*

---

6. Sobre essas cartas de amor, consultar Cardoso (2004).

7. Expressão usada por Venancio (2001) para a troca de livros entre intelectuais. Na correspondência de Monteiro Lobato para Anísio Teixeira, é possível observar essa troca: “Meu próximo livro, ‘O poço do Visconde’, será dedicado a você. Em outubro próximo estará aí. A leitura do livro espírita A grande síntese, que o deixava tonto, deslumbrado, maravilhado e inclinadíssimo a rescrevê-lo, tal a minha certeza de torná-lo três vês mais claro” ensajou a vontade de compartilhar a descoberta: “Quis mandar-te o livro, em vez de indicá-lo, mas não achei nenhum nas livrarias; estão tirando nova edição”, dizia em carta de 3 de junho de 1944. Anísio, por sua vez, agradecia tecendo comentários sobre os livros escritos por Lobato, pois, durante o período em que esteve em Caititês, confessava que só lhe restava dedicar-se à leitura: “Vivo entre Dewey, Russel, Wells e Lobato [...] Vivo com eles mergulhado no futuro”, conforme carta de 7 de junho de 1937.

*educação*, de 1932, e *Em marcha para a democracia*, de 1934, foram objeto de comentários de alguns correspondentes, amalgamando um sentimento de grupo que ia à frente, na vanguarda: os pioneiros<sup>8</sup>.

Parte dessa correspondência, a que manteve com intelectuais, tem despertado a atenção de historiadores e historiadores da educação, já tendo sido inclusive publicadas. *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato* (Viana & Fraiz, 1985) traz uma seleção de cartas que se constituem em exercício da amizade alimentada através da palavra escrita, conforme assinalaram os organizadores. As descobertas, alegrias, decepções, dores e perdas dos dois epistológrafos estão retidas em folhas de papel e traduzidas em confidências da vida pessoal, comentários sobre os projetos profissionais, impressões sobre a cena política, como este:

A sua carta chegou-me aqui já em plena revolução. Não se admire, pois, que venha com atraso lhe responder. Faltava liberdade de espírito e “liberdade de escrita” para escrever cartas. Hoje, segundo dizem, continua a faltar liberdade de escrita – há censura no correio para o estrangeiro –, mas já tenho liberdade de espírito bastante para lhe escrever toda uma página sobre um bath-tub americano enquanto fiquem a amadurecer os frutos da revolução brasileira, e os senhores ditadores, julguem que podemos dizer se os achamos ou não gostosos [Carta de Anísio Teixeira para Monteiro Lobato, 26 nov. 1930].

*Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)* (Vidal, 2000) reúne cartas trocadas

- 
8. Hermes Lima, por exemplo, confessou em carta de 23 set. 1933: “Um dos meus prazeres atuais é acompanhar o desenvolvimento intelectual do Gonçalo. Acho que a criança possui uma curiosidade natural para aprender: mas a escola asfixia, comprime, limita, como que parcializa essa curiosidade e certamente isso se faz porque ela ainda é um ambiente demasiado limitado, profundamente artificial, sem ligação nem contacto com a vida, com a rua, com a sociedade. Cada vez mais compreendo o que significa renovar a escola e para isso de uma [segunda] e muito atenta leitura de sua ‘Educação Progressiva’ tirei os mais preciosos elementos. Na verdade, seu livro é luminoso e denso de observações que esclarecem e precisam, de modo singular, o assumpto”.

desde quando Anísio retornou dos Estados Unidos até a sua morte. Elas expressam uma amizade que foi sendo tecida, ao longo dos anos, na atuação em favor da educação nacional. Essas publicações derivam, certamente, da compreensão de que as cartas de homens públicos podem revelar aspectos obscurecidos pela documentação oficial<sup>9</sup>.

Habituação também a entregar cartas de pedidos endereçadas a Anísio Teixeira, o carteiro possivelmente não imaginava que esses seriam documentos preciosos e que um dia viriam a ser lidos por estudiosos interessados em compreender as práticas políticas que atravessaram a vida pública e o campo da educação na década de 1930<sup>10</sup>. Assim como as que foram enviadas a outros homens públicos e que já foram objeto de estudo, elas permitem examinar a cultura política da época.

Essas cartas também têm as marcas de quem as escreveu e daquele que as leu. Quem fazia os pedidos? Com que intenção? Quais eram os argumentos utilizados que justificavam as demandas? Quais foram os cargos mais cobiçados? O beneficiado pelo atendimento do pedido foi o próprio missivista? O pedido foi formulado por outra pessoa que extrairia do atendimento benefícios políticos também para si<sup>11</sup>? Respostas a essas questões envolvem observar que

Esse objeto exige de seus estudiosos uma atenção muito especial ao suporte material da mensagem (cartões, telegramas, tipo de papel de carta); aos

- 
9. Gómez chama a atenção para o fato de que as cartas são importantes fontes pois “sacan a a la luz la versatilidad de las informaciones y conocimientos que se pueden extraer de su interpretación y estudio. Se trata de fuentes que el historiador no puede expulsar de su taller salvo que quiera ser cómplice de determinados silencios y olvidos; lo mismo que tampoco deberían hacerlo cuantos estudiosos se interesan por algún aspecto del devenir humano, ya sea el lenguaje, la escritura, la educación, la mentalidades o las costumbres” (2002, p. 16).
  10. No descritor do arquivo pessoal de Anísio Teixeira é observada a expressiva presença desse tipo de documento, no período em que esteve no Rio de Janeiro: “A documentação diz respeito principalmente à discussão do ‘manifesto da escola nova’, às atividades da ‘Associação Brasileira de Educação’, a pedidos de emprego e a questões administrativas”.
  11. Em torno dessas questões, Pinto (1998), Gomes (2000) e Heyman (1997) examinaram as cartas de pedidos para Nilo Peçanha, Gustavo Capanema e Filinto Müller.

códigos sociais utilizados (tratamento, forma de argumentação etc); e à correção lingüística (fluidez do texto, tipo de letra, ordenamento da página etc); dentre outros. Aspectos que em grande parte precisam ser considerados de forma correlacionada para que o conjunto documental examinado ou mesmo uma única carta ganhe significado. Esses cuidados remetem à atenção com que o estudioso tem de trabalhar, sobretudo se for considerado que a correspondência muitas vezes constitui um conjunto extremamente fragmentado de documentos de complexo tratamento analítico [Gomes, 2000, p. 20].

Seguir as anotações feitas nas margens, examinar rascunhos ou respostas que existam eventualmente na correspondência ativa de Anísio Teixeira podem ser pistas reveladoras de como este se movia no jogo de trocas de favores no exercício do cargo, no momento em que liderava a reforma que foi considerada por muitos de seus contemporâneos a mais corajosa de todas (ver Lima, 1974, por exemplo).

## Papéis arquivados

Escritas em papéis brancos, azuis, cor-de-rosa, desbotados pelo tempo, as cartas recebidas por Anísio Teixeira, entre 1931 e 1935, estão guardadas em seu arquivo pessoal sob a guarda do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas<sup>12</sup>, que foi doado por sua família, que como muitas outras procurou, assim, imortalizar a trajetória de quase cinquenta anos de vida pública do educador.

A doação do arquivo ao CPDOC obedeceu a uma certa lógica que tem norteado as famílias de intelectuais e homens públicos: preservar a imagem, reparar injustiças, impedir o esquecimento, dar visibilidade a

---

12. O arquivo pessoal de Anísio Teixeira contém vasto conjunto documental composto de 34.000 documentos manuscritos, seiscentos documentos impressos, 502 fotografias, 199 cartões postais e quatro discos nos documentos audiovisuais, microfilmados, e está dividido nas séries documentos pessoais, correspondência, produção intelectual, legislação, temática, diversos e recortes de jornais.

uma obra<sup>13</sup>. Relatando a doação do arquivo, Babi Teixeira, em entrevista concedida por ocasião do centenário de nascimento do pai, declarou que haviam doado praticamente todo o acervo ao CPDOC porque não tinham estrutura financeira para tratar um arquivo daquele nível. Ressaltou ainda que a criação da Fundação Anísio Teixeira, na Bahia, não faria com que esse arquivo fosse dali retirado: “Este arquivo permanecerá lá não só porque eu respeito muitíssimo o trabalho do CPDOC como não teríamos condições de fazer o mesmo tipo de tratamento. Além disto, o Centro aqui no Rio, tem uma visibilidade certamente maior do que a Fundação Anísio Teixeira” (Gondra, 2000, p. 77).

O arquivo compreende, além do período no qual esteve no Distrito Federal, a presença de Anísio Teixeira a partir de 1924 na Diretoria da Instrução Pública da Bahia, no debate constituinte, suas atividades no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e em muitas outras iniciativas que visaram reformar o país pela via da educação, como o debate sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e sua participação na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e na Universidade de Brasília (UnB).

Dimensões de sua vida pessoal estão presentes em cartas de sua mãe, pai, irmãos e filhos, em diários que registram suas viagens à Europa e aos Estados Unidos na década de 1920, além de fotografias, carteiras, agendas, receitas médicas, recibos diversos, escrituras de imóveis, comprovantes de viagens, notas fiscais, entre outros<sup>14</sup>. Esse mesmo cuidado de guardar seus papéis tiveram alguns educadores e educadoras

---

13. Em matéria assinada por Adriana Pavlova (“Guardiões às avessas”), a jornalista analisa o papel dos herdeiros ante os legados de artistas plásticos, escritores e personalidades públicas, destacando que para preservar a memória essas famílias têm dificultado acesso a documentos, divergido das propostas de pagamentos de direitos autorais ou simplesmente impedido a publicação de trabalhos que poderiam macular a imagem de Glauber Rocha, Di Cavalcanti, Garrincha, Silveira Sampaio, Tom Jobim, Pixinguinha, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Câmara Cascudo, Guimarães Rosa e Cecília Meireles, entre outros (*O Globo*, Segundo Caderno, 12 de fevereiro de 2002, pp. 1 e 3).

14. Ver descritor e análise do arquivo de Anísio Teixeira no CPDOC Heyman (2003).

que foram signatários do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”: Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Armanda Alvaro Alberto, Paschoal Lemme, Cecília Meireles, Delgado de Carvalho, Edgar Sússekind de Mendonça e Francisco Venancio Filho, que pretendiam, assim, provar que haviam participado da vida pública de seu tempo, legar um testemunho incontestado às gerações futuras, sobreviver em meio aos papéis, multiplicar a experiência e evitar o esquecimento.

Arquiva-se a própria vida, afinal, segundo Artières, para ter a identidade reconhecida, controlar a vida, recordar e retirar lições do passado, preparar o futuro e inscrever a existência: “Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo” (1998, p. 31). Guardar documentos de si mesmo, como assinalou Ribeiro, revela o desejo de perpetuar-se, mas, sobretudo, responde ao desejo de forjar uma glória. Assim, os arquivos pessoais encerram a intenção do titular de ser reconhecido pela posteridade por uma “identidade digna de nota” (Ribeiro, 1998, p. 35).

A quantidade de documentos nesse arquivo não significa que ele não tenha sido resultado de uma seleção. Entendido como uma forma de escrita autobiográfica, arquivos pessoais envolvem censura, supressão, interdição, triagem. Arquivar é guardar. Guardar é também esconder. Neles existem silêncios, não ditos, interditos e são organizados objetivando a posteridade, deixando registros que permitam a elaboração futura de uma biografia edificante<sup>15</sup>.

A farta documentação do educador, no CPDOC, não abrange toda a sua trajetória, mesmo porque seu acervo está distribuído por várias instituições de seleção, organização, preservação e produção de sua memória, como ressaltou Gondra:

O acervo do Professor Anísio encontra-se disperso, distribuído entre imagens, lembranças de familiares, de companheiros de trabalho, dos adversários, artigos, livros, cartas, textos da imprensa, imagens, objetos pessoais, legislação, pareceres, projetos, textos de reforma e de criação de instituições,

---

15. Para análise de arquivos pessoais ver Mignot (1997, 2000 e 2002a)

prédios, salas de aula. Dispersão igualmente repartida entre arquivos familiares e públicos, materiais e virtuais. Todos constituindo lugares nos quais a lembrança do professor Anísio pode surpreender, provocar, iluminar ou simplesmente passar despercebida [2000, p. 75].

A quantidade e diversidade de documentos no arquivo de Anísio Teixeira resulta também de um processo de inevitável seleção da família: “Nós, da família, guardamos algumas coisas pessoais dele, tipo assim: um chapéu, um sobretudo que ele usou, algumas medalhas, homenagens que ele recebeu, a pasta de trabalho encontrada junto ao seu corpo, mas muito pouca coisa”, como destacou ainda sua filha (idem, p. 78). Selecionados, depositados em outras instituições, no arquivo do CPDOC, existem lacunas: “O afastamento do titular da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal é parcamente documentado, ainda que a correspondência de três de seus irmãos e de Nestor Duarte informe sobre o panorama político”<sup>16</sup>.

O arquivo de Anísio Teixeira tem uma íntima relação com outros arquivos de educadores de sua geração, sob a guarda do CPDOC, o que permite delinear parte do diálogo da intelectualidade brasileira sobre a educação<sup>17</sup>. A correspondência de Anísio Teixeira com Lourenço Filho é particularmente importante. Se, na década de 1920, em estados diferentes, no Ceará e na Bahia, empreenderam as primeiras reformas, enfrentando problemas semelhantes para assegurar uma educação de qualidade para todos, no Distrito Federal estiveram juntos, procurando dar visibilidade à causa a qual dedicaram suas vidas, tendo como palco a cidade que era a vitrine do Brasil<sup>18</sup>. Durante o período no qual Anísio Teixeira foi o diretor da Instrução Pública, Lourenço Filho esteve à frente

---

16. Ver o descritor do arquivo Anísio Teixeira no CPDOC.

17. Essa perspectiva de análise dos arquivos desses educadores no CPDOC é mais detalhada por Heyman (1999).

18. Essa expressão, usada por Nunes (1999) em sua análise da reforma de Anísio Teixeira no Distrito Federal, sintetiza não só a importância cultural, política e econômica da então capital da República, mas também a visibilidade que a reforma da educação teria nessa cidade para aqueles que a promoveram.

do Instituto de Educação e as cartas trocadas permitem entrever como a formação de professores foi uma questão crucial para esses renovadores, levando-os a discutir e elaborar diretrizes que favorecessem uma escola que partisse dos interesses das crianças, em substituição às velhas práticas pedagógicas<sup>19</sup>.

Assim como rascunhos, textos manuscritos, notas, bilhetes, cartões de visita e convites, as cartas no arquivo de Anísio Teixeira no CPDOC também resultam da dispersão, da acumulação possível e da seleção do titular ou de seus familiares, evidenciando que existem diferenças entre escrever, viver e guardar e que, como qualquer outra fonte, a correspondência

é um objeto construído, inscrito no tempo e no espaço social, desde a origem, uma a uma, cartas esparsas, até sua descoberta, quando reunidas em um todo indissociável. Esse processo de construção de uma correspondência se mantém nos gestos de destruição (cartas queimadas ou jogadas), na erosão do tempo (cartas perdidas ou esquecidas) quanto às intervenções sucessivas para conservar os “papéis de família” [Dauphin & Poublan, 2002, p. 80].

## Marcas da escrita, rastros de leitura

Na correspondência recebida por Anísio Teixeira, em seu gabinete, é possível observar a letra bem desenhada e a atenção com os suportes da escrita pessoal<sup>20</sup>, que denotam que escrever cartas era para muitos um ritual que exigia disciplina e respeito às normas epistolares<sup>21</sup>.

---

19. Na análise da correspondência de Anísio Teixeira com os signatários do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, Simonini (2004) assinalou que o então diretor da Instrução Pública recebeu cartas administrativas de Lourenço Filho, versando sobre as mudanças que deveriam ser operadas na formação de professores, além de cartas escritas dos Estados Unidos, para onde viajou a fim de observar o sistema educacional.

20. Sobre os suportes da escrita pessoal, consultar Hébrard (2000).

21. Entre estudos de manuais epistolares, ver Sierra Blás (2003) e Castillo Gómez (2002).

O tom íntimo e afetuoso dos amigos mais próximos (“Meu caro Anísio”, “Querido Anísio”, “Meu querido Anísio”, “Caro Anísio”, “Grande Anísio”, “Meu grande amigo”, “Adeus, meu caro Anísio, um grande abraço do velho amigo”, “Abraço-o com amizade fraternal, profundamente, reconhecido”) contrasta com a formalidade das cartas que foram enviadas por remetentes mais distantes, que observavam a hierarquia e a importância do cargo: “Prezado Professor”, “Dr. Anísio”, “Exmo Sr. Anísio Teixeira”, “Atenciosamente”, “Cordialmente”, “Ao seu dispor”.

Os papéis timbrados das cartas que hoje estão guardadas em seu arquivo pessoal indicam o lugar social dos remetentes, a rede de relações do titular e os interesses em jogo na pasta da educação. Nas cartas enviadas, por exemplo, por Fernando de Azevedo, durante toda a vida, é possível acompanhar nos suportes da escrita sua trajetória no cenário cultural e educacional do país. Elas trazem impresso o próprio nome do remetente ou os órgãos em que atuou, em São Paulo, cidade na qual permaneceu depois do cargo no Rio de Janeiro: Secretaria de Educação e Saúde, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Departamento de Educação, Instituto de Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Centro Regional de Pesquisas Educacionais e, também, Companhia Editora Nacional, Biblioteca Pedagógica Brasileira e Academia Brasileira de Letras<sup>22</sup>.

Em papéis timbrados os pedidos constituem um volume significativo. Na maior parte das vezes, escritas por políticos ou ocupantes de cargos públicos que cumpriam a função de intermediar a apresentação de postulantes aos mais diferentes cargos: Gabinete do Presidente da República, do presidente da Câmara dos Deputados, Gabinete do Interventor no Distrito Federal, Ministério da Educação e Saúde Pública, Gabinete do Ministro da Marinha, Diretoria da Limpeza Pública e Particular, secretário de Viação de Obras Públicas de Minas Gerais,

---

22. Os timbres em papéis de cartas enviadas de Gilberto Freire para José Lins do Rego foram examinados por Lima e Figueiredo Júnior, e no estudo de Simonini e Marques (2003), sobre os papéis timbrados das cartas de Fernando de Azevedo para Anísio Teixeira.

entre outros. Na linguagem, geralmente revestida de certa formalidade, o motivo da audiência seria apresentado pelo portador da própria missiva que “deseja expôr-lhes assumpto que se prende aos serviços dessa Directoria”, “tem assumpto a tratar junto a essa Directoria, conforme lhe exporá verbalmente”, ou “que deseja conversar com o amigo a respeito de assumpto que se prende aos serviços dessa Directoria” (Cartas de Francisco Vicente Bulcão Vianna para Anísio Teixeira, 29 jan. 1932, 11 nov. 1932, 11 nov. 1931 e 12 jan. 1932, respectivamente). Em outras, o tom era mais afetuoso, o texto mais longo, o motivo declarado, como esta que reiterou um pedido para o “aproveitamento como guardiã ou inspetora de alumnos” de uma mulher em dificuldades financeiras:

Volto agora a insistir nesse pedido. Trata-se de uma moça grandemente prendada, educada na Inglaterra e que, com o fallecimento do marido, encontra-se na mais penosa das situações. Não fossem essas condições especiaes, acrescidas pela insistência de um amigo a quem nada posso negar e creio que o não importunaria ainda, certo de que se tivesse sido possível, a minha recommendada teria já obtido, de sua boa vontade, o amparo que deseja.

Antecipando desde já os meus agradecimentos, aguardo com satisfação, as suas ordens” [Carta de Francisco Vicente Bulcão Vianna para Anísio Teixeira, 21 nov. 1931].

As palavras *protegida* e *recomendada* são comuns nas cartas de pedidos escritas por políticos, em favor das professoras, revelando, assim, uma lógica do apadrinhamento<sup>23</sup>, na qual pessoas com certa importância e proximidade de Anísio Teixeira teriam suas solicitações atendidas com maior sucesso. Atuando como mediadores, os políticos evidenciavam não só o próprio prestígio, mas também o do provedor, como se vê nesta carta do deputado baiano Homero Pires: “Não se pode ser importante... Se tivesse de lhe despejar à porta da rua os pedidos que me fa-

---

23. Sobre a lógica do apadrinhamento, ver Gomes (2000) e Heyman (1999) no caso das cartas de políticos para Anísio Teixeira, o estudo de Marques (2004).

zem para os encaminhar a você, forçadamente a sua porta ficaria atravancada e você não sairia à rua”<sup>24</sup>.

Os pedidos em favor de professores tiveram outros mediadores além dos políticos. Amigos e conterrâneos escreveram, também, em defesa de seus próprios interesses, mas, na maior parte das vezes, o fizeram para interceder por outros postulantes invocando a amizade que os unia, o trabalho desenvolvido juntos, a crença em ideais comuns. A situação financeira precária, a injustiça sofrida, a vontade de concluir estudos etc. justificavam o pedido de vagas para alunos na rede pública e as solicitações de emprego para os cargos de zelador, ajudante de rouparia, guardião, inspetor, servente, escriturário, enfermeiro escolar e professor. Para os que já exerciam o magistério, efetivação para substitutos e transferências de escolas, abonos de faltas, férias, licenças sem vencimento, entre outros.

Fernando de Azevedo, que havia combatido intransigentemente a ingerência política na educação porque impedia que a sua reforma obtivesse sucesso, condenando de forma veemente os “parasitas dos cofres públicos”<sup>25</sup>, assim como Noemy da Silveira, Carneiro Leão, Mário Casassanta e Afrânio Peixoto, entre outros, também mediou pedido de um professor: “Já lhe havia escripto hoje. Volto para lhe dizer que o José Brandão, filho de um grande amigo de minha família, dr. Thomé Brandão, medico, me pede meu interesse junto a v. pela sua reintegração. Elle era professor, interino ou effectivo, de musica em Escola Profissional. Não seria possível reintegral-o? Ficar-lhe-ei muito grato pelo que for possível fazer por elle” (Carta de Fernando de Azevedo para Anísio Teixeira, 14 out. 1933).

---

24. Entre as cartas mandadas pelo deputado, encontram-se as seguintes: “Abra, porém, uma exceção para o Dr. Jorge Machado, Livre Docente da Escola Normal, donde foi afastado recentemente, e que plenamente prestificou o seu direito em memorial dirigido ao Prefeito. Eu o recomendo com interesse a você” datada de 26 out. 1931, e “A professora D. Nair Viegas de Oliveira foi-me apresentada pelo Dr. Antonio [ilegível] Mendes meu amigo, filho do Dr. Pacheco Mendes os quaes ambos se interessam pela mesma professora e eu com elles, – todos esperando que você a acolha com a sua habitual boa vontade, o que será um favor”, de 8 jan. 1932, entre muitas outras.

25. Expressão utilizada em carta enviada em 26 jan. 1932.

As professoras que apelaram diretamente ao diretor da Instrução Pública lançaram mão de recursos argumentativos semelhantes aos dos políticos que invocavam a “boa vontade”, “a boa atenção”, “o vivo empenho” do educador. Certas de que ele tinha “sciência e consciência”, “espírito justiceiro”, “summa gentileza” para nomear, substituir, contratar, transferir demitir e escreveram para reivindicar cargos, mudanças de escolas e dispensa de estágio, por exemplo.

A ampliação da rede escolar que visava não apenas aumentar o número de matrículas mas proporcionar um ensino de qualidade, uma preocupação marcante da reforma de Anísio Teixeira que pretendia sinalizar para o direito das crianças estudarem em prédios arquitetonicamente adequados ao desenvolvimento infantil (Nunes, 1999), parece ter significado apenas como o surgimento de maior número de postos de trabalho, o que justificava, para alguns, recorrer ao Estado protetor. Eva Schendel, que estava em dificuldades financeiras, pois com o casamento do irmão estava impedida de arcar sozinha com as despesas domésticas, pedia que lembrasse do seu nome “na primeira oportunidade em que puder ser aproveitada em colocação de 500\$000, no mínimo” (Carta de Eva Schendel para Anísio Teixeira, 25 maio 1935). Confessando-se profundamente interessada nos avanços da moderna pedagogia e no ensino da leitura, uma professora mineira, diplomada, com experiência no magistério, fluente em alemão e francês, ofereceu-se para trabalhar na futura Biblioteca Infantil, pois “Ultimamente, venho de preferir as nomeações do governo, que oferecem mais vantagens” (Carta de Armanda Cohanier para Anísio Teixeira, 26 abr. 1934).

Duas professoras, no entanto, preferiram dirigir-se às mulheres de Anísio Teixeira e de Pedro Ernesto, para que intercedessem por elas. A primeira expressava confiança que a destinatária teria “vivo interesse por esta sua patricia, que actualmente está só no mundo, sem um parente forçado, sem um arrimo ou protecção”, para encaminhar a sua solicitação: “Preciso de um lugar cujo ordenado me seja sufficiente para eu me manter aqui. Rogo que se apresente uma oportunidade, estou certa de que a generosa D. Emilinha, não deixará de me proteger pedindo ao Dr. Anísio, a minha nomeação” (Carta de Maria Madalena Vieira para Emilinha Ferreira, 4 jun. 1935). A segunda apresentava-se como “uma

professora que, a despeito das inúmeras injustiças sofridas de superiores, permanece, de corpo e alma, na sua missão de professora, com funções multiplas, certa de não conseguir o que sempre desejou – a direcção de uma escola sua”, mas escrevia para obter recursos para a montagem de um gabinete dentário na escola em que atuava. Para ter sua pretensão atendida, argumentava que pertencia a uma numerosa e influente família que havia votado no candidato do prefeito na última eleição:

Exma. Senhora Dr. Pedro Ernesto,

[...] Dispusesse eu de tempo, e, certamente, não importunaria a V.Excia., mas ao par das lidas da escola e da casa, dediquei-me com muito amor, ao serviço de alistamento eleitoral, certa da necessidade imperiosa de votar e fazer votar todos os amigos ao meu alcance, dentre as minhas relações adquiridas por meu pae, durante os innumerous annos que teve como Intendente Municipal e Deputado Federal, dentre as relações de amizade decorrentes de varias profissões da família (onze irmãos professoras, médicos, advogados, dentistas, officiaes do nosso Exercito) e dentre os Catholicos do populoso subúrbio de Meyer, tendo sido Secretaria da Liga Eleitoral Catholica, desse subúrbio, e da qual é Presidente meu irmão Honório, estendendo minha acção à Liga Eleitoral Catholica do Engenho de Dentro, da qual me fizeram membro à ultima hora com um mês antes do encerramento. [...]

Perdoe, Exma Senhora Dr. Pedro Ernesto: Falo com V. Excia. com naturalidade de quem conhece V. Excia. intimamente: É fructo da sympathia que nos inspira, como o nosso digníssimo Interventor, a quem espontaneamente, dei, com meus manos, apoio, na eleição ultima, votando no Sr. Dr. Jones Rocha, por termos sido informados de que esse era o candidato de S. Excia [Carta de Olga dos Santos Pimentel para esposa de Pedro Ernesto, 27 ago. 1934].

Nem sempre a iniciativa das professoras de registrar suas pretensões com o próprio punho, na folha de papel em branco, significou abrir mão de mediadores. Alzira Ladeira Rodrigues Carvalho, por exemplo, ao pedir sua indicação para superintendente do ensino elementar ou particular, citou o nome de várias pessoas que já intercederam em seu favor, sinalizando assim para a sua rede de relações: o general Góes Monteiro, o ge-

neral João Francisco, Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, “cuja carta de recommendação entregou ao Dr. Amaral Peixoto que, gentilmente, se prestou a faze-la chegar às vossas mãos” (Carta de Alzira Ladeira Rodrigues Carvalho para Anísio Teixeira, 3 dez. 1933).

As anotações feitas por Anísio Teixeira nas margens, os agradecimentos, as cópias ou rascunhos das respostas dadas, evidenciam que cartas não deixam apenas as marcas de quem as escreveu. O destinatário deixou também sobre as folhas de papel os rastros de suas leituras<sup>26</sup>.

Muitas vezes ilegíveis, as anotações feitas por Anísio deixam entrever as maneiras como os pedidos foram lidos e encaminhados. Esclarecem o conteúdo da carta, a importância do remetente, as redes de relações e até mesmo direcionam a resposta a ser dada – “Pedido”, “Respondido”, “Confidencial”, “Providenciado”, “Informar os termos da lei”, “Examinar o caso”, “Agradeça-se”, “Science”, “Arquive-se”, ou ainda “Directora da Escola José de Alencar para substituir o Dr. Solano Carneiro”, “Ficou resolvido continuar D. Cecília Álvares Pessoa” e “Transferencia de uma contramestra da Escola Paulo de Frontin. Falar com D. Andréa”.

Algumas respostas escritas por Anísio indicam que as pretensões eram lidas, avaliadas e até mesmo recusadas como na carta a Amaral Peixoto, por exemplo, na qual justificou com argumentos técnicos a impossibilidade de alugar ou comprar prédio situado na rua das Palmeiras, para instalar uma escola, visto que examinado pelo Inspetor Escolar do Distrito, “não foi julgado em condições de servir para sede de uma escola, pois trata-se de uma casa antiga, baixa e sem condições de adaptabilidade” (Carta de Anísio Teixeira para Amaral Peixoto, 24 dez. 1931).

Entre os agradecimentos, muitos deles em cartões e papéis com monogramas, é possível perceber que os pedidos de nomeação ou intermediação para cargos eram atendidos. Cópias de cartas e rascunhos indicam também que ele lia os pedidos e, por vezes, os intermediava espe-

---

26. Para Camargo (2000, p. 204), “sujeitos que escrevem e lêem cartas deixam suas marcas, que podem indicar pistas para uma leitura da constituição do sujeito da escrita, na escrita”.

cialmente para seus conterrâneos, que escreviam para que ele intercesse junto a órgãos da administração sediados no Distrito Federal e junto à administração baiana, como se observa na carta datilografada enviada a uma professora: “Comunico-lhe que transmiti, com todo interesse, seu pedido ao Dr. Edgard Pitanguera, Diretor Geral de Instrução do Estado da Bahia” (Carta de Anísio Teixeira para Lourdes Lobão, 29 nov. 1931).

Em meio a tantas cartas de pedidos que não trazem as marcas da leitura, uma destaca-se não só por sua bela caligrafia. Seria “uma carta respondida [...] [uma] cousa que se encerrou”, ou mais uma a responder “uma cousa viva, a falar ainda e a esperar”, como escreveu Anísio Teixeira um dia ao se desculpar com Monteiro Lobato<sup>27</sup> pela falta de tempo para dar notícias? Nas duas páginas pautadas, amareladas, o remetente não se limitou a pedir emprego no âmbito da educação. Como muitos outros que consideravam o diretor da Instrução Pública com uma posição de destaque que o credenciava para conseguir favores até no gabinete presidencial para evitar demissões de cargo de fiscalização ferroviária, promoção no funcionalismo dos Telégrafos ou pensão para viúva, entre outros, o portador dos papéis que resistiram à triagem, à censura e ao descaso com os escritos das pessoas comuns tornou-se também mediador:

Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1932.

Exmo. Snr. Pr. Anísio Teixeira

Respeitosas saudações.

Sendo V. Ex<sup>a</sup> o meu digno destinatário de maior destaque na situação presente, venho com o maior respeito vos fazer um pedido em favor de um dos meus cunhados. É ele portador da profissão de pintor e como se acha desempregado desejava prestar os seus serviços nos Próprios Municipais, onde já serviu há anos.

---

27. Carta de Anísio Teixeira para Monteiro Lobato, sem data. Reproduzida em *Conversa entre amigos*, no qual os organizadores esclarecem que foi enviada da Bahia, possivelmente, em 1936 (1986, p. 78).

O rapaz, que se chama Antonio de Medeiros, é reservista do Exército, conta 25 anos de idade, é de conduta exemplar, muito trabalhador e reside comigo a rua Amarin, n. 32 na Estação da Piedade.

Tenho certeza de que uma carta de V.Ex<sup>a</sup>, para o vosso colega da Diretoria de Obras da Prefeitura, será plenamente satisfeita.

Assim, rogo encarecidamente a V.Ex<sup>a</sup> a concessão deste grande obsequio, pelo qual, desde já, me confesso sumamente agradecido.

De V.Ex<sup>a</sup> Am<sup>go</sup> certo e Cr<sup>d</sup> às vossas ordens,

João Mourão Carvalhinho

Vosso carteiro”

## Referências bibliográficas

ACCÁCIO, L. O. *Docentes e catedráticos: os concursos para professor da Escola Normal do Distrito Federal (1928-1930)*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ARTIÈRES, P. O arquivamento de eu. *Estudos Históricos*, CPDOC/FGV, p. 9-34, 1998.

B. P. R. *Leitura manuscrita: lições colligidas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, s.d.

CAMARGO, M. R. R. M. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 203-228.

CARDOSO, S. de F. *Entrelinhas do afeto: a reforma educacional no Distrito Federal nas cartas de amor trocadas por Emilinha e Anísio Teixeira*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004 (mimeo).

CASTILLO GOMEZ, A. “Como o polvo e o camaleão se transformam?”. Modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (orgs.). *Destinos das letras: história educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2002. p. 13-56.

\_\_\_\_\_. (coord.): *Historia de la cultura escrita: del Próximo Oriente a la sociedad informatizada*. Ediciones Gijón: Trea, 2001.

DAUPHIN, C.; POUBLAN, D. Maneiras de escrever, maneiras de viver: Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (orgs.). *Destinos das letras: história educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2002.

GOMES, A. de C. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, A. de C (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 13-48.

GONDRA, J. Anísio Teixeira – lugares de lembrar. *Teias: Revista da Faculdade de Educação da UERJ*, n. 1, p.74-81, 2000.

HÉBRARD, J. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A. C. V., BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29-61.

HEYMAN, L. Q. Quem não tem padrinho morre pagão: fragmentos de um discurso sobre o poder. *Estudos Históricos*, FGV, n. 24, p. 227-251, 1999.

\_\_\_\_\_. Memória dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: os arquivos de Anísio Teixeira e Lourenço Filho. In: MAGALDI, A. M.; GONDRA, J. (orgs.). *A reorganização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 99-110.

\_\_\_\_\_. *As obrigações do poder: relações pessoais e vida pública na correspondência de Filinto Müller*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

LEMME, P. *Memórias 2*. Vida de família, formação, opção política. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1998.

MARQUES, G. D. “*Apresento-lhe a minha recomendada*”: um estudo das cartas de políticos que atuavam como mediadores entre professores e Anísio Teixeira (1931-1935). Monografia (Conclusão de Curso de Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

LIMA, H. *Travessia* (memórias). Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

LIMA, S. M. van D.; FIGUEIREDO JÚNIOR, N. De Gilberto Freire para José Lins do Rego. In: GALVÃO, W. N.; GOTILIB, N. B. (orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 241-250.

MIGNOT, A. C. V. *Bau de memórias, bastidores de histórias*: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: EDUSF, 2002a.

\_\_\_\_\_. Artesãos da palavra: cartas a um prisioneiro político tecem redes de idéias e afetos. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A.C. V. (orgs.). *Destinos das letras*: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2002b.

\_\_\_\_\_. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: MIGNOT, A. C. V., BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (orgs.). *Refúgios do eu*: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 123-144.

\_\_\_\_\_. Relíquias de professora: a singularidade de uma trajetória na trama de histórias. In: FRANCO, C.; KRAMER, S. (orgs.). *Pesquisa e educação*: história, escola e formação de professores. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

NUNES, C. *Anísio Teixeira*: a poesia da educação. Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

O' NEIL, C. F. *The search for order and progress*: brasilian mass education 1915-1935. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade do Texas, Austin.

PAVLOVA, A. Guardiões às avessas. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 1 e 3, 12 fev. 2002.

PENTEADO, J. *Memórias de um postalista*. São Paulo: Martins, 1963.

PINTO, S. C. S. *A correspondência de Nilo Peçanha na dinâmica da política na Primeira República*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

RIBEIRO, R. Memórias de si ou... *Estudos Históricos*, CPDOC/FGV, 1998.

SIERRA BLAZ, V. *Aprender a escribir cartas*: los manuales epistolares em la España contemporânea (1927-1945). Madrid: Ediciones Trea, 2003.

SIMONINI, L. de A. *Trama da escrita*: os bastidores do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova na correspondência dos signatários para Anísio Teixeira. Monografia (Conclusão de Curso de Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SIMONINI, L. de A.; MARQUES, G. D. Papéis timbrados: fragmentos de um percurso na educação pública. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: AS REDES DE CONHECIMENTO E A TECNOLOGIA – IMAGEM E CIDADANIA, 2., *Anais...* Rio de Janeiro, UERJ, 2003, CD-ROM.

VENANCIO, G. M. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, n. 38, p. 79-98, 2001.

VENTURA, Z.. Prefácio. In: *Novos casos dos Correios*. São Paulo: Empresas Brasileiras de Correios e Telégrafos, 2000.

VIANA, A. FRAIZ, P. (orgs.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1985.

VIDAL, D. G. (org.). *Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

Endereço para correspondência  
Ana Chrystina Venancio Mignot  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de  
Educação e Humanidades/Faculdade de Educação.  
Rua São Francisco Xavier, 524  
12º andar - Sala 12037-F - Maracanã  
CEP: 20550-900 Rio de Janeiro-RJ  
*E-mail:* mignot@painet.com.br

Recebido em: 10 de mar. de 2005

Aprovado em: 28 de ago. de 2005